

Poesia: Amigos homenageiam com recital o editor Jorge Zahar • 3

# SEGUNDO CADERNO

Cinema: Nick Cassavetes fala sobre tributo ao pai com Sean Penn • 6

SEXTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1998

# Nova voz de Caymmi

Duas décadas depois de Gal, a cantora Jussara Silveira recria clássicos do mestre baiano

Ana Branco

**DORIVAL CAYMMI**, com seu inseparável violão, mostra para Jussara Silveira como criou alguns dos seus clássicos, agora regravados pela cantora no disco que o selo Dubas Música programa lançar no mercado em agosto



Antonio Carlos Miguel

**P**erfeccionista e exigente, Dorival Caymmi também sempre foi o melhor intérprete de suas canções. Mas, aos 84 anos, com quase seis décadas de carreira, o compositor baiano nunca se fechou aos novos talentos. Procurado no início do ano por Ronaldo Bastos (também compositor de muitos clássicos da MPB e dono do selo Dubas Música) e pela cantora Jussara Silveira, Caymmi deu seu aval ao disco que os dois idealizaram, recriando 12 clássicos de seu repertório. O *songbook* anterior dedicado por uma cantora a Caymmi foi lançado há cerca de duas décadas por Gal Costa.

— Percebi logo que a moça canta bonito e tem bom gosto — disse Caymmi, na semana passada, no segundo encontro com Jussara. — Além disso, não poderia negar um pedido vindo de um amigo como Ronaldo, colega de meu filho Danilo na escola. “Canções de Caymmi” é o segundo disco de Jussara, e deve chegar às lojas em agosto. Ele traz 12 clássicos do baiano e algumas vinhetas introdutórias, cantigas de domínio público recolhidas pelo próprio compositor. Produzido pelo violonista Luiz Brasil (da banda de Caetano Veloso), o disco tem um tratamento acústico e luxuoso, fiel ao universo de Caymmi. Bastos, que no fim de 1996 já tinha relançado o disco de estréia de Jussara — uma produção da própria cantora também em dupla com Luiz Brasil — lembra que sempre sonhou com este projeto.

— Sou um profundo admirador de Caymmi, sinto-me muito próximo de sua música — conta Bastos. — Apesar da aparente simplicidade de suas canções, elas são fruto de um longo pro-

cesso de depuração, ele não é um ingênuo. E, quando assinei com Jussara para relançar seu primeiro disco, incluí no contrato este projeto. Ela é a cantora perfeita para regravar Caymmi.

No encontro no apartamento de Caymmi, em Copacabana, Jussara, acompanhada de Ronaldo Bastos e do fotógrafo Cafi, revela ser uma “autêntica falsa baiana”.

— Toda a minha família é baiana, mas eu nasci numa cidade no norte de Minas e, ainda pequena, voltamos para Salvador, onde fui criada — diz Jussara. — Em 89, fiz meu primeiro show solo, em Salvador, no Teatro Castro Alves. Em seguida me mudei para São Paulo e, depois, para o Rio.

Detalhes que a aproximam ainda mais de Caymmi, baiano de nascença, mas que vive no Rio desde 38 e é casado com uma mineira, Stella Maris.

— Você pode estar hoje no Rio, mas nunca saiu da Bahia — comenta o PhD em baianidade. — Eu, que saí em 38, continuo ligado à terra. E dona Stella, que nasceu em Pequeri, cidadezinha na Zona da Mata, perto de Mar da Espanha, quando descobriu a Bahia ficou encantada. A Bahia nos acompanha sempre.

#### Um bate-papo regado pelo violão e a voz do mestre

Por quase duas horas, sempre com o violão, Caymmi conversou e cantou, explicando como criou alguns dos seus clássicos. Jussara lembra que no primeiro encontro com Caymmi procurou esclarecer dúvidas sobre algumas das músicas selecionadas para o disco. Chegou a regravar “Lá vem a baiana” ao descobrir que não tinha seguido a nota original. Ela selecionou as 12 canções do disco com ajuda do também compositor baiano Ariston (que já tinha contribuído para a concepção de seu primeiro álbum).

— Inicialmente, tinha pensado em me concentrar num Dorival

Caymmi mais urbano, nos seus samba-canções — explica Jussara. — Mas, aos poucos, vimos que é impossível separar Caymmi do mar. Então, acabamos oferecendo um painel abrangente de sua obra, passando pelas canções praieiras e algumas de suas mulheres. Tomamos como base o “Cancioneiro da Bahia”, um livro de canções de Caymmi dividido por temas.

Bastos diz que optou por não interferir na seleção do repertório, mas não abriu mão de ditar a seqüência das faixas e também idealizou a capa.

— Acho que cantora é que deve escolher as músicas, fiquei muito satisfeito com o que Jussara quis cantar e assino embaixo — diz. — Mas discutimos muito para chegar à montagem final, que acabou como eu queria. Para fechar o disco, nós utilizamos o assvio da gravação original de Caymmi de “O vento”.

Além de clássicos como “Quem vem pra beira do mar”, “Você não sabe amar”, “O vento”, “Maracangalha”, “Saudade de Itapoã” e “Nem eu”, Jussara interpreta músicas menos gravadas como “Horas” e “O anjo da noite”.

— “Horas” foi gravada pelo Quarteto em Cy no disco com a trilha da novela “Gabriela”, e depois também teve uma bonita regravação de Nana no “Songbook” de Caymmi lançado por Almir Chediak — conta Jussara. — Já “Anjo da noite” é uma das primeiras melodias do filho Danilo que Caymmi letrou. Ela traduz muito da experiência de vida dele.

Para chegar a Caymmi, Jussara revela que teve que passar por Chico Buarque, Caetano Veloso e João Gilberto.

— Os compositores que acompanhei desde criança foram Chico e Caetano — conta. — Claro que também conhecia e gostava das canções de Caymmi, mas foram as gravações de João Gilberto e Caetano que me despertaram para ele. *Continua na página 2*

# TECNO

HELIO HARA

## Medindo o potencial

• Foram menos de dez anos. E a expressão *cyber* se tornou ubíqua, designando uma entidade abstrata que dá *status* como qualquer outra novidade. E, no mundo rico, também a palavra *techno* se alastrou entre as pessoas, designando tanto um estilo particular de música quanto um agrupamento de pensamento coeso. *Techno*, enfim, chega até a revista "Art Press", referência obrigatória para os que se interessam por arte.

A publicação está preparando um número especial temático, que deverá estar nas bancas em setembro ou outubro. Esta semana, já circula pela Internet um dos extensos artigos sobre o assunto. E quem quer saber as palavras-chave do fenômeno artístico batizado de *techno*?

1) A independência, ou, a possibilidade de cada um produzir sua própria música, mostrar seus interesses e o que mais for (por exemplo, em páginas na Internet).

2) Vírus. A informação se propaga como vírus, infecta as pessoas e os meios.

3) Pirataria. Não no sentido negativo, mas no de destruir estruturas exclusivas, abrir espaço para quem vier.

4) Hackers. Também a desestabilização do que está excessivamente estável.

5) Erro. Brincar com o erro é uma das especialidades, por exemplo, do premiado site Jodi <<http://www.jodi.org>>. As imagens sugerem erros. Mas são arte.

6) Diversão. As *raves* ilegais foram a abertura para um mundo de hedonismo hoje plenamente legalizado. E, hoje, combinando isso tudo, você mede seu potencial *techno*.

### Leitura triplicada

• Outro dia, numa experiência em Nova York, um voluntário descrevia as delícias de ler jornais via Internet através de modems e computadores sem fios. A descrição? O homem chega ao consultório do dentista, vê uma paciente lendo o "New York Times". Tenta dar uma olhada e a mulher, antipática, dobra o jornal. Ele lembra do micro no bolso, conecta-se e... pronto! Tudo isso para lembrar que, segundo nova pesquisa da American News Consumption <<http://www.peoplepress.org/med98rpt.htm>>, nos últimos dois anos, o número de gente que lê jornais online passou de 11 milhões para 36 milhões nos EUA. Ciência e saúde são temas favoritos.

### Tudo pelo social

• Esqueça o que você andou ouvindo sobre produções independentes. Ou, pelo menos, estenda o conceito para outras formas de independência. Free Speech Internet Television <<http://www.freespeech.org>> abriu concurso com prêmio de US\$ 2 mil para os que estão trabalhando com streaming áudio/vídeo, isto é, os que estão usando a Internet para transmitir som e imagem de forma contínua. O tema é o potencial do meio para criar mudanças sociais (evidentemente positivas). É barato, é fácil de fazer (a qualidade técnica não é item essencial, já que nem sempre é perceptível) e, claro, tem enorme alcance. Os interessados podem mandar material para <[joey@freespeech.org](mailto:joey@freespeech.org)>.

### Gerador de poesia

• Luiz Camillo Osório, o sempre atento crítico de arte do GLOBO, manda a URL de um interessante site: chama-se *Expérience poétique* <<http://www.enst.fr/~auber>>, está baseado na França e, como sugere o nome, é uma espécie de gerador de poesia. Em geral, a coisa acontece como que em sessões pré-marcadas. Num dia e numa hora determinados, as pessoas se conectam e, através da troca de informações em tempo real, criam imagens e texto, que podem ser aproveitados pelos participantes. Evidentemente é tudo ainda experimental e os resultados nem sempre são animadores. Mas, sem dúvida, é um passo além das leituras com banquinho e voz tão típicas de décadas passadas.

### Mapa infinito

• E, esta semana, foi lançado o ambicioso projeto "Omnizone" <<http://www.plexus.org/omnizone/>>, que propõe mapear culturalmente o *cyberspace*. A tarefa é hercúlea e, o terreno, teoricamente infinito. O site reúne uma extensa lista de trabalhos artísticos já existentes como o da veterana Shu Lea Cheang (que trabalhou com boliches americanos e, mais tarde, na transmissão de dados de cidades asiáticas para Tóquio), além de textos que tentam dar um contorno (?) a esse vácuo no qual se organizam comunidades. Os criadores sabem que o trabalho será infinito, mas não se importam. Exige tempo e um certo desprendimento. Mas, quem embarcar, vai gostar.

• **A CELEBRAÇÃO:** Little Louie Vega já tocou no Rio, é astro da house e poderá ser ouvido em festa ao vivo de Londres na próxima sexta. Em <<http://interface.pirate-radio.co.uk/>>: Um espírito retrô, com muitos vocais gritantes.

• **A HUMILDADE:** Hoje, no CCB, tem "Pequenos milagres", filme argentino já comentado nesta coluna. Fala sobre câmaras de vigilância e monitoramento. Em foco, uma humilde caixa de supermercado. Amor e expectativa se encontram via eletrônica. Essencial.

• **O COMEÇO:** "O fim da violência", de Wim Wenders, eleito o filme favorito de todos os *geeks*: enquanto em "O livro de cabeceira" Peter Greenaway levava para o cinema a experiência das múltiplas janelas na tela (como num computador), Wenders enche a tela de câmaras de vigilância, obsessão de dez entre cada dez maníacos em tecnologia. As mesmas dos milagres argentinos.

E-mail para esta coluna: [helio@oglobo.com.br](mailto:helio@oglobo.com.br)

NOVA VOZ DE CAYMMI • Continuação da página 1

# Aos 84 anos, é o canto afinado do compositor que encanta a nova sereia

Assovios e memórias da juventude inspiraram faixas como 'Vou vê Juliana'

Fernando Quevedo/23-4-97

Em abril de 1997, no lançamento do CD duplo "Caymmi inédito" — gravado nos anos 80, como brinde de uma empresa e só editado comercialmente pela BMG no ano passado — ele mostrou, no show para convidados, no Golden Room do Copacabana Palace, que continua o insuperável cantor de sempre. A voz bonita em seus profundos graves, segura e afinada, nem parecia vir de um octogenário. Um ano depois, com um Prêmio Sharp de Música fresquinho na estante ("Inédito" foi escolhido o melhor disco de MPB de 97), é a voz de Caymmi que encanta a sua nova sereia.

— No primeiro encontro, saí da casa de Caymmi chorando, é emocionante ouvir essas músicas com ele — diz Jussara. — Caymmi é insubstituível, mas acabei perdendo o medo, vi que também podia cantar suas músicas com propriedade, fazer um trabalho sincero, não errando e realizando algo que ele possa gostar.

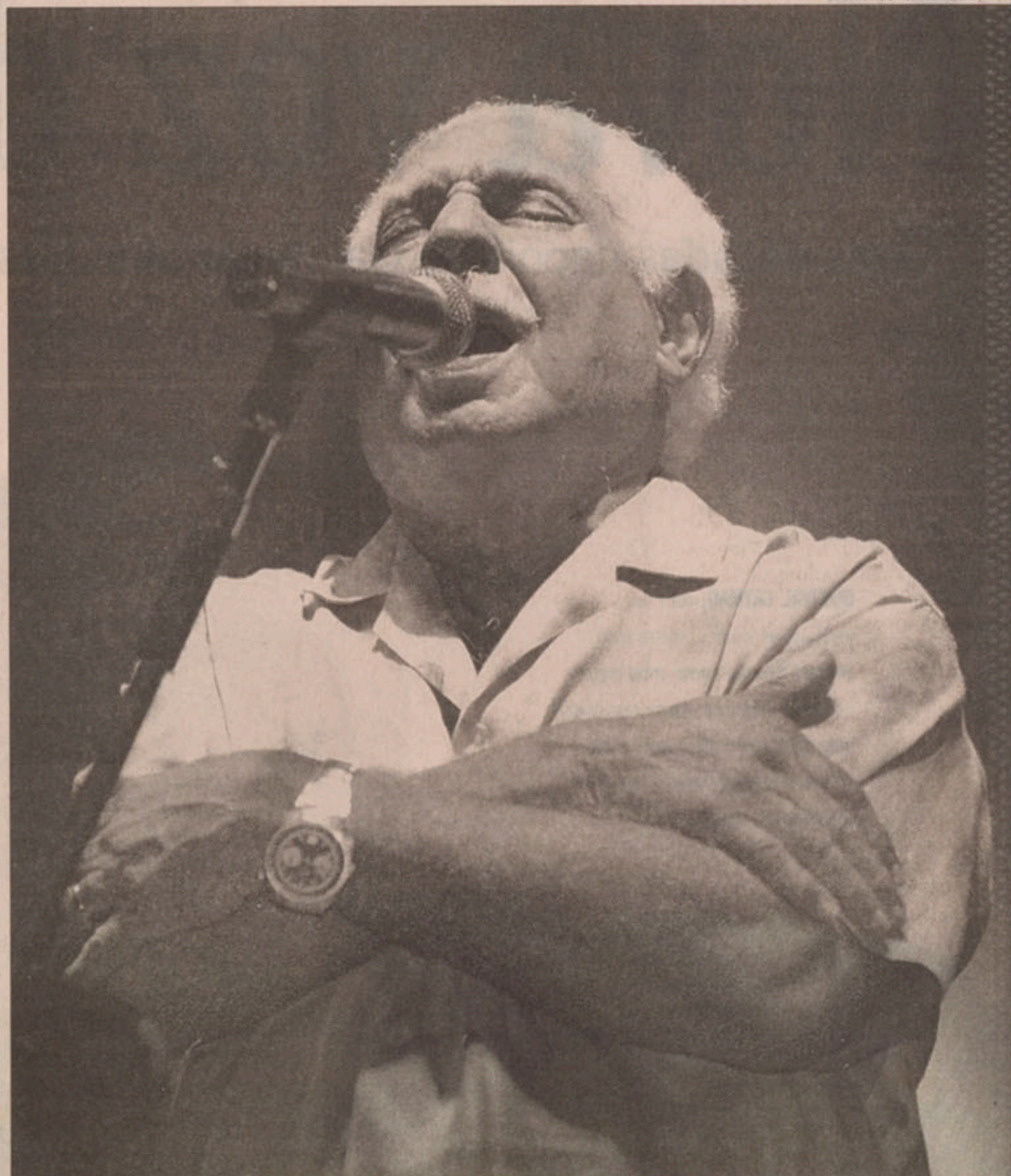
O compositor demonstra gostar quando a voz de Jussara se junta à sua. E, depois, ao cantarolar "História pro Sinhozinho", Caymmi comenta a menção da letra à marimba.

— O instrumento chegou até nós através da música do Caribe, mas tem raízes na África — lembra. — Na minha infância em Salvador, ainda convivi com muitos escravos alforriados. A cultura baiana deve muito a essa gente.

### O artesão do som das palavras fala sobre sua obra

Perguntado qual seria o rio que o namorado tem que atravessar para encontrar a amada, na canção "Vou vê Juliana", Caymmi fica em dúvida, seria mesmo o Jaguaripe ou o Camurigepe? Mas lembra de uma senha que os jovens usavam na época: assoviam uma canção antiga para chamarem as namoradas. Já sobre "O vento", conta que a música começou a nascer a partir do jogo com as sílabas de um trecho da letra: — Brinquei com a sonoridade, o espelhamento de vela e leva — explica Caymmi. — Ao cantar "vento que dá na vela, vela que leva o barco" percebi que tinha a essência daquela nova música.

Caymmi também resgatou uma rara parceria com Jorge Amado e Carlos Lacerda — antes que a guinada à direita do ex-governador da Guanabara o afastasse do escritor baiano — "Beijos pela noite". E, em mais uma coincidência, Jussara contou que o segundo marido de sua mãe, também chamava-se Carlos Lacerda, só que em vez de político, era pianista, e foi outro amigo de Caymmi. ■



CAYMMI CANTA no lançamento do CD "Inédito", num show para convidados, em abril de 97, no Golden Room

### AS PÉROLAS ETERNAS RECRIADAS

## DAS CANÇÕES PRAIEIRAS ÀS URBANAS

• **O VENTO:** Na abertura do CD, Jussara é acompanhada pelo violão de Luiz Brasil. O assovio de Caymmi fecha o CD.

• **LÁ VEM A BAIANA:** A canção mais suíngada do disco, com típico sotaque de Salvador.

• **NEM EU:** Canção da fase urbana de Caymmi.

• **O ANJO DA NOITE:** Uma das primeiras parcerias de Caymmi com o filho Danilo.

• **VOU VÊ JULIANA:** É introduzida pela vinheta "Você diz que amar é crime".

• **MARACANGALHA:** Com Carlos Malta (pícolo).

• **VOCÊ NÃO SABE AMAR:** É introduzida pelo tema popular "Yayá não sabe".

• **HORAS:** Lançada na novela "Gabriela".

• **MILAGRE:** Canção prairieira que é emendada à faixa "História pro Sinhozinho".

• **QUEM VEM PRA BEIRA DO MAR:** Na introdução, ela interpreta "Canto de Naná".

• **SAUDADE DE ITAPOÃ:** Participação especial de Jaques Morelenbaum (violoncelo).

• **ADALGISA:** A forte percussão funciona como contraponto ao canto límpido de Jussara.

O GLOBO apresenta  
MISTURA NACIONAL  
**BLUES ETÍLICOS**  
ÚLTIMO SHOW ANTES DE LANÇAR CD INÉDITO NOS EUA.

17 a 20/06  
às 23:30h

MISTURA FINA  
RESTAURANTE BAR MÚSICA

Turnê por toda a América

RESERVAS  
537-2844

GLOBO FM VARIO SUIZ FORD

O GLOBO apresenta  
BALLROOM INTERNACIONAL  
**Diane Schuur**  
A nova 1ª Dama do Jazz  
2 Grammys  
Melhor cantora de Jazz

Bateria Roger Hines David Gybson

24 a 27/06  
às 21:30h

SHOW "BLUES FOR SCHUUR"

Produção Mistura Fina Eventos

Vendas antecipadas no Ballroom e Mistura Fina

Estacionamento Opcional Góbal (Voluntários da Pátria)

R Humaitá 110 Inf. 537-7600

## Astros do jazz e da música pop confirmados no Mistura

Michel Legrand, John Pizzarelli, Cyrus Chestnut e Ernie Watts são atrações para o segundo semestre

José Domingos Raffaelli

Com a realização da Copa do Mundo, os projetos de quase todas as áreas foram transferidos para o segundo semestre. Mas, depois que a poeira futebolística assentou, as atividades serão reaquecidas. O projeto Mistura Internacional, promovido pelo GLOBO, começa a partir de julho, com um punhado de atrações que se apresentarão no Mistura Fina.

A cantora canadense Melissa Walker abre o segundo semestre, no primeiro dia de julho, em apresentação única, com seu trio integrado por George Colligan (piano), Kiyoshi Kitagawa (baixo) e Clarence Penn (bateria). Melissa é uma promissora revelação de 29 anos, sobre quem a crítica internacional escreveu ser "uma voz que logo será conhecida".

Devido ao grande sucesso do ano passado, o célebre pianista e compositor Michel Legrand retorna com o seu trio, estreando dia 30 de julho para temporada de duas semanas.

O guitarrista e cantor John Pizzarelli, que ano passado fez duas semanas de sucesso, estará de volta com seu trio em setembro, revivendo o repertório de *standards* dos anos 20 aos 70.

O bandoneonista argentino Rodolfo Mederos, um expoente do tango moderno que segue a trilha do imortal Astor Piazzolla, também virá em setembro. A única vez que Mederos apresentou-se no Brasil foi no Festival de Jazz de São Paulo, em 1980.

### Cyrus Chestnut é o grande nome do jazz da temporada

Bastante conhecido do público carioca, pois aqui tocou cinco vezes, volta o saxofonista Ernie Watts, um dos mais ativos músicos americanos, unindo forças ao baixista Nico Assumpção.

O alegre e simpático pianista Cyrus Chestnut, uma das grandes revelações desta década, que empolgou o público no Free Jazz do ano passado, voltará com o seu trio, do qual faz parte Arvester Garrett, um dos mais promissores bateristas atuais. ■

### O GLOBO

### SEGUNDO CADERNO

EDITOR: Helio Hara ([helio@oglobo.com.br](mailto:helio@oglobo.com.br))  
SUBEDITORES: Carla Lencastre ([carla@oglobo.com.br](mailto:carla@oglobo.com.br)) e Luiz Fernando Vianna ([lfvianna@oglobo.com.br](mailto:lfvianna@oglobo.com.br))  
Telefone/Redação: 534-5000  
Publicidade: 534-5500

Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar, CEP: 20233-900